

DOS CONTOS DE FADAS AO DIREITO:
A PEÇA RADIOFÔNICA *PROCESSOS CONTRA AS BRUXAS*,
DE WALTER BENJAMIN

From Fairy Tales to Law:
The Radiophonic Piece Processos Contra as Bruxas, by Walter Benjamin

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-03

Lília Maria Guimarães*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar alguns recortes da peça radiofônica intitulada “Processos contra as bruxas”, presente no livro *A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*, que reúne uma coletânea de 29 textos produzidos para programas de rádio em Berlim e Frankfurt, entre os anos de 1927 e 1932. Em linhas gerais, essa peça radiofônica problematiza como a concepção de bruxa, essa figura milenar do imaginário coletivo, geralmente descrita como malvada, com verrugas e que come criancinhas, vide a personagem de João e Maria, transformou-se, no final da Idade Média, em algo temido. Dito de outra forma, a personagem bruxa transitou dos contos de fadas para o terreno do direito, das relações de poder. Para tanto, esse estudo traz como armadura teórica, principalmente, as reflexões propostas por Benjamin (2013 e 2020), Federici (2018) e Pereira (2022), no que concerne à perseguição às bruxas e à inquisição.

PALAVRAS-CHAVE: Caça às bruxas. Inquisição. Literatura. Peça radiofônica. Walter Benjamin.

ABSTRACT: This article aims to analyze some excerpts from the radiophonic piece entitled *Processos contra as bruxas*, found in the book *A hora das crianças: narrativas radiofônicas*, by Walter Benjamin. The book is a collection of 29 texts produced for radio programs in Berlin and Frankfurt from 1927 to 1932. In general terms, this radio piece problematizes how the conception of witch – this ancient figure of the collective imagination, generally described as evil, warty and child-eater, as in the character of *Hansel and Gretel* – became something fearful by the end of the Middle Ages. In other words, the witch character moved from fairy tales to the realm of law and power relations. To this end, this study is theoretically grounded on the reflections on the persecution of witches and the inquisition as proposed by Benjamin (2013; 2020), Federici (2018) and Pereira (2022).

KEYWORDS: Witch hunt. Inquisition. Literature. Radiophonic piece. Walter Benjamin.

* Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: 0009-0006-6281-0537. E-mail: liliaguima(AT)ufu.br.

“O erro e a ignorância por si só já fazem mal o bastante. Mas eles se tornaram fatalmente perigosos quando se tenta associá-los à ordem e à lógica. Assim aconteceu com a crença nas bruxas, e por isso a desgraça que se resultou da intransigência dos eruditos foi muito maior do que aquela causada pela superstição. Já falamos dos cientistas naturais e dos filósofos. Mas agora vem o pior: os doutores da lei” (Benjamin, 2020, p. 134).

Walter Benjamin é um escritor-personagem fascinante. Não por acaso, defini-lo não é uma tarefa fácil, sempre beirando o impossível da linguagem. Podemos dizer, inclusive, que “ele foi muitos”, isto é, um exímio ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo etc.

Embora a sua obra seja, basicamente, composta por fragmentos, e tenha sido interrompida pela máquina nazifascista, a sua atualidade é inquestionável, basta ver os constantes retornos à sua letra, de reflexões acerca da linguagem, passando pela história, o direito e a estética e abarcando até mesmo a infância. Aliás, alguns autores qualificam-no de pedagogo. Afinal, em tempos de guerra, narrativas antifascistas sendo distribuídas pelo meio de comunicação em ascensão, qual seja, o rádio, era uma potente forma de resistência, pois, não nos olvidemos nunca: “[...] nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer” (Benjamin, 2013, p. 12).

Com isso em mente, este artigo tem por objetivo analisar alguns recortes da peça radiofônica intitulada *Processos contra as bruxas*, presente no livro *A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin [Aufklärung für Kinder]*, que reúne uma coletânea de 29 textos produzidos para programas de rádio em Berlim e Frankfurt, entre os anos de 1927 e 1932¹. Em linhas gerais, essa peça radiofônica problematiza como a concepção de bruxa, essa figura milenar do imaginário coletivo, geralmente descrita como malvada, com verruga na ponta do nariz, que come criancinhas, vide a personagem de João e Maria, transformou-se, no final da Idade Média, em algo temido, por conseguinte, que deve ser sistematicamente perseguido e eliminado. Dito de outra forma, como a personagem bruxa transitou dos contos

¹ Em razão de sua vida cada vez mais miserável, Benjamin escrevia para jornais e revistas em troca de dinheiro para sobreviver e dar um “fôlego”, como ele dizia, para se dedicar a coisas mais importantes. E a partir de 1927, considerando a ascensão do rádio, recebeu convite para escrever peças radiofônicas para as rádios *Funkstunde S.A*, em Berlim, e para *Südwestdeutschen Rundfunks*, em Frankfurt. Essas peças versavam sobre diversos assuntos, tais como: resenhas de livros, leituras literárias, conferências, bem como histórias para crianças e jovens sobre fatos históricos, curiosidades da cidade de Berlim, a literatura em alta na época etc. Ao todo, foram escritas oitenta e seis peças, das quais sessenta foram narradas pelo próprio Benjamin.

de fadas para o movediço terreno do direito, inerentemente atravessado pelas relações de poder.

Para tanto, a armadura teórica do texto ora em tela sustenta-se, principalmente, nas reflexões propostas por Walter Benjamin (2013 e 2020), em *Sobre o conceito de História* e no próprio a *Hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*; Silvia Federici (2019), em *Mulheres e caça às bruxas*; bem como Kênia Pereira (2022), em *Corpos monstruosos na Inquisição: metáforas das bruxas em obras do diabinho da mão furada, de Antônio José da Silva*.

Considerações iniciais feitas, de acordo com Russel e Alexander (2022), se você perguntar para algumas pessoas o que é uma bruxa, muitas responderão que elas não existem, ou, diferente das fogueiras inquisitórias, acreditam que elas existem apenas no imaginário, na literatura, no cinema, nas artes em geral, compondo diversos gêneros textuais. “Bruxas, afirmarão [...], são personagens imaginários, representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em formato de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos² e dão gargalhadas malignas, bastante parecidas com cacarejos” (Russel; Alexander, 2022, p. 11).

Figura 1: João e Maria, ilustração de Anne Anderson



Fonte: <https://biblogtecaqui.blogspot.com/2009/07/e-se-hansel-e-gretel-tivessem-telemovel.html>

² De acordo com Federici (2019), no séc. XVII, os animais eram vistos como seres sem sentimentos, e tê-los como companhia soava como suspeito, visto que “tocar em animais, fazer carinho neles e morar com eles, como fora norma nas regiões rurais, tornou-se comportamento tabu. Com a caça às bruxas, especialmente na Inglaterra, os animais foram demonizados devido à teoria de que o diabo oferecia a seu séquito ajuda diária na forma de animais domésticos, que serviam para levar a cabo os crimes das bruxas” (p. 56).

Antes de ser circunscrita ao predicado de malévola e todas as suas ressonâncias, as bruxas, mais conhecidas como feiticeiras na literatura clássica, já povoavam o imaginário das pessoas. A título de exemplo, tem-se a Medéia, uma poderosa feiticeira que, movida pelo ciúme, mata seus próprios filhos para se vingar do marido que a traiu. A obra, que leva seu nome, foi escrita por Eurípedes, um poeta trágico da Grécia Antiga³, e não retratava algo corriqueiro à época, visto que as mulheres eram consideradas cidadãs de segunda categoria. No entanto, Medéia não era considerada uma mulher comum, ou seja, aquelas entendidas na lógica de serem “[...] boas esposas e boas mães, administradoras conscienciosas da propriedade do marido e rigorosas observadoras da moralidade sexual. [...] ela é neta do deus Sol” (Tsuruda, 2009, p. 22).

Tia de Medéia, Circe, considerada uma das feiticeiras mais poderosa, tinha um vasto conhecimento sobre ervas e de como usá-las tanto para feitiços como para cura. Além disso, “suas áreas de atuação incluíam a magia da transmutação/metamorfose, ao poder da ilusão e à arte obscura da necromancia” (Madureira, 2019, p. 283). Ela apareceu em diversas histórias gregas, sendo uma das principais a *Odisseia*, de Homero. Diferente da imagem das feiticeiras/bruxas que se tem no contemporâneo, Medéia e Circe eram mulheres belas e se vestiam de maneira luxuosa, apesar de serem também consideradas perversas e temidas.

Acreditavam os gregos que todas as variedades de feitiçaria faziam seus trabalhos depois de consultarem *daimones*. [...] No tempo de Sócrates, um *daimōn* podia ser bom ou mau, e o próprio Sócrates declarava ter um *daimōn* que lhe segredava bons conselhos ao ouvido. Mas quando Xenócrates, o discípulo de Platão, dividiu o mundo espiritual entre deuses e demônios, transferiu a qualidade sombrias dos deuses para os demônios, que daí em diante foram considerados entidades malignas. Portanto, a consulta a demônios praticada pelas feiticeiras ficou estreitamente ligada aos poderes das trevas (Russel; Alexander, 2022, p. 48).

Nesse sentido, para os autores, tanto a “tradição literária da feiticeira perversa”, quanto “o pensamento greco-romano” serviram de base para a construção da imagem cristã da bruxa, ou seja, um ser perverso ligado ao demônio. No entanto, como aponta Benjamin na peça, essa imagem na Antiguidade e no início do Cristianismo não existia, as pessoas não faziam das bruxas

³ Período compreendido entre o século XX a.C. e I a.C., contemplando, assim, o surgimento, desenvolvimento, apogeu e declínio dessa civilização que, ainda atualmente, tanto influencia a sociedade ocidental nas mais diversas áreas do conhecimento. De modo geral, pode ser subdividida ainda em cinco momentos, quais sejam: Pré-Homérico, Homérico, Arcaico, Clássico e Helenístico.

parte do seu dia a dia, no máximo, protegiam-se delas com amuletos no pescoço e na porta de suas casas, por exemplo.

Por sua vez, nas comunidades europeias, durante a Idade Média, as bruxas também eram consideradas guardiãs da vida e da morte:

Elas eram normalmente mais velhas, acumulavam muitos anos de experiência e dominavam os saberes necessários para lidar com a vida e a morte: a dose correta para curar uma doença, o procedimento preciso na hora do parto, as plantas capazes de promover abortos, as ervas que causavam alívio durante o falecimento (Miranda; Imbroisi, 2020, n.p.).

Ainda de acordo com os autores, essas características também contribuem para a imagem que se tem atualmente das bruxas, como dito anteriormente, a de uma velha solitária em sua cabana na floresta, com o seu gato e corvo pretos, às voltas do seu caldeirão borbulhando, sob uma enorme chama, com prateleiras recheadas de potes dos mais diversos ingredientes para suas poções e feitiços.

Entretanto, as bruxas, por muito tempo, como aponta Benjamin, eram figuras sobre as quais ninguém queria saber, que não representavam nem o “bem” nem o “mal”, pelo contrário, as que eram denominadas bruxas, em sua maioria mulheres, “eram geralmente sacerdotisas, deusas pagãs; e o povo não confiava muito no poder de suas feitiçarias. Elas eram antes alvo da compaixão de todos, pois o diabo zombava tanto delas, que elas atribuíam a si mesmas poderes sobrenaturais” (Benjamin, 2020, p. 129-130). Em complemento à sua provocativa descrição pormenorizada, ele continua:

Muitos de vocês, que já assistiram às danças em alguma praça na Wapulgisnacht, e outros que já tiveram em mãos um volume com lendas da região do Harz, certamente vão saber do que estou falando, e não vou ficar aqui contando do Blocksberg, onde as bruxas se reúnem no 1º de maio, nem de como elas passam voando no cabo de vassoura até o alto das chaminés – não, vou lhes falar de coisas muito mais esquisitas, que talvez vocês jamais tenham lido nos livros de história (Benjamin, 2020, p. 132).

Sobre as festas pagãs, de acordo com Russel e Alexander (2022, p. 82-83), muitas delas eram associadas a sabás, isto é, reuniões das bruxas nas quais realizavam seus ritos. Uma delas é a festa citada por Benjamin, da noite de 30 de abril para 1º de maio, na qual anteriormente pagãos cantavam e dançavam ao redor de uma fogueira, para celebrar a chegada da primavera e espantar os espíritos. Realizada ainda hoje, a festa transformou-se na homenagem à Santa Valpurga, uma missionária anglo-saxã.

Já sobre o fechamento da citação supracitada, isto é, as histórias que talvez os jovens jamais tenham lido, inicia-se aí o percurso de demonstrar como, subitamente, as bruxas, antes personagens folclóricos, passaram a ser realmente temidas, se tornando medonhas e apavorantes. Ora, a crença nas bruxas que outrora caminhava junto a várias outras superstições, sem maiores consequências no cotidiano das pessoas, por volta do século XIV, é completamente atravessada pelo maniqueísta discurso religioso. Nessa esteira, o imaginário foi personificado, de modo que elas não só representavam o mal, como passaram a ter um pacto com o próprio demônio cristão, como dito anteriormente:

Elas teriam um verdadeiro pacto de união com o demônio. Elas teriam renegado Deus e prometido ao diabo fazer todas as suas vontades. E o diabo por sua vez, teria prometido a elas em troca todo tipo de benesses possível – em se tratando da vida mundana naturalmente. Como ele é um tipo mentiroso, quase nunca mantinha sua promessa e nem no futuro iria cumpri-la. E agora o que acontecia é que a lista já não tinha mais fim – sim, a lista das coisas que as bruxas faziam com o poder do diabo, das formas como adquiriam estes poderes e que costumes eram obrigadas a cultivar (Benjamin, 2020. p. 132).

Desta feita, a partir de então, as bruxas não só teriam renegado veementemente o bondoso Deus cristão, como mantinham um relacionamento muito próximo com o diabo e todas as suas artimanhas malévolas. Sendo capazes, até mesmo, de se “[...] nutrirem do sangue dos bebês e ainda usarem os cadáveres infantis para a fabricação de unguentos e pomadas, que depois de esfregados em seus corpos, as fariam voar rumo aos sabás” (Pereira, 2022, p. 202).

Figura 2: Goya, *Conjuro*, c. 1974-5



Fonte: <https://historia-arte.com/obras/el-conjuro>

Não causando o mínimo de estranheza, portanto, que cada vez mais, as bruxas saíam das páginas das histórias para a perseguição sistemática e as fogueiras da Inquisição. A esse respeito, aliás, Benjamin faz uma observação durante a leitura da peça: “E como tudo isso se transformou completamente ao longo de algumas décadas, por volta, aproximadamente, do ano 1300 depois de Cristo, isto com certeza ninguém saberá explicar a vocês” (Benjamin, 2020, p. 130). Ora, com a mudança de visão sobre as bruxas, que saíram do imaginário para algo personificado, era preciso distinguir quem utilizava seus conhecimentos para o “mau”, daqueles que os utilizavam para o “bem”. De acordo com Russel e Alexander (2022, p. 75-76): “Muitas das acusações de magia malévola, comuns durante a caça às bruxas, tinham origem antiga: provocar tempestades, causar a morte ou a doença em animais ou seres humano, e causar impotência”. Ainda para Benjamin:

[...] o que se queria acima de tudo era deixar bem clara a diferença entre os encantamentos realizados pelas bruxas e a feitiçaria usada para o mal. Que todos os feiticeiros mal eram, sem distinção, hereges, ou seja, que eles não acreditavam em Deus, ou pelo menos não da forma correta, disto já se tinha certeza há muito tempo, e os papas assim costumavam ensinar (Benjamin, 2020, p. 130).

E como seria possível fazer essa distinção? Os eruditos, a princípio, imaginaram diversas coisas esquisitas e absurdas, mas foram os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger que catalogaram e escreveram um manual com todos os tipos de feitiçarias existentes, *O Martelo das Feiticeiras* (Melleus Maleficarum). A sua primeira edição é de 1487, e foi utilizado durante séculos para, de acordo com Pereira (2022, p. 210):

Instruir o inquisidor a reconhecer uma bruxa através de sinais em seus corpos, por onde o demônio se comunicaria, como manchas na pele ou áreas de insensibilidades, verrugas na face ou no nariz, pintas enegrecidas no dorso e nas costas, dentre outros. Depois do reconhecimento, a segunda etapa seria a tortura. Uma bruxa precisa confessar que é realmente uma ‘noiva de Satã’.

Destarte, aquelas que eram condenadas tinham seus cabelos raspados, eram afogadas, queimadas com ferros quentes, acusadas de esconderem objetos supersticiosos em partes de seus corpos, por isso, eram despidas, afinal, de acordo com o *Martelo das Feiticeiras*, as bruxas tinham esse costume (Kramer; Sprenger, 2023). Não suficiente, amiúde, a última etapa de todo esse suplício era a condenação à fogueira. “E se uma pessoa é condenada e se recusa a se converter e a abjurar a sua heresia, deve ser imediatamente queimada, se for leiga. Pois se as

peçoas que falsificam dinheiro devem ser sumariamente condenadas à morte, o que dizer das que falsificam a fé?” (Kramer; Sprenger, 2023, p. 234).

Figura 3: Morte de Joana d'Arc na estaca, por Hermann Anton Stilke (1843)⁴



Fonte: https://www.ebiografia.com/joana_darc_curiosidades_biografia/

Conforme Benjamim (2020), embora talvez não seja possível fixar taxativamente as razões que engendraram essa vontade de saber sobre as bruxas que, conseqüentemente, levou às atrocidades acima mencionadas, Federeci (2019, p. 62) joga luz em uma possível interpretação:

Por que as caças às bruxas foram dirigidas principalmente contra as mulheres? Como se explica que, ao longo de três séculos milhares de mulheres se tornaram a personificação do ‘inimigo no meio de nós’ e do mal absoluto? E como conciliar o retrato que inquisidores e demonólogos pintavam de suas vítimas como todo-poderosas, quase míticas – criaturas do inferno, terroristas, devoradoras de homens, servas do diabo que, enlouquecidas, percorriam os céus em cabo de vassoura –, com as figuras indefesas de

⁴ Joana D’Arc lutou pela França na Guerra dos Cem Anos, e foi a única mulher com 17 anos de idade a ser general de um Exército. Após lutar para dar fim à Guerra, foi capturada pelos ingleses, condenada por bruxaria e queimada viva na fogueira, assim como diversas pessoas, principalmente mulheres, a partir daquele século, em diversos países da Europa. Depois de quase 500 anos de sua condenação, foi canonizada pela Igreja Católica, e é também conhecida como a “heroína da França”.

mulheres reais que eram acusadas desses crimes e, então, terrivelmente torturadas e queimadas em fogueiras?

Nessa esteira, a autora acrescenta que o período de caça às bruxas está intimamente ligado ao processo contemporâneo de cercamento e privatização não só de terras, mas também do corpo feminino, visto que o modelo de família estava em transformação, pois os regimes comunitários estavam sendo substituídos pelo modelo patriarcal, de família nuclear. Além disso, a caça às bruxas ocorreu principalmente em meio rural, tendo como regiões afetadas aquelas que haviam sido delimitadas, cercadas, visto que, naquele período, muitas comunidades de mulheres se ajudavam mutuamente, mediante o modelo de comuna de agricultura, por exemplo. Todavia, com a nova ordem econômica, esses grupos passaram a ser vistos como potencialmente perigosos (Federici, 2019). Em acréscimo, deve-se sublinhar que silenciar essas mulheres também era uma forma de acabar com as práticas médicas, posto que muitas tinham conhecimento sobre plantas e animais, ameaçando, assim, as escolas de medicina que estavam em ascensão.

Benjamin, com a peça radiofônica sobre esse terrível período histórico, em que traça um breve percurso sobre a concepção de bruxa, alerta-nos sobre os atravessamentos inerentes dos discursos de ódio, do direito no poder, e vice-versa, e suas perversas ressonâncias, inclusive, no empreendimento literário. Com isso em mente, lembremos que, de acordo com Giorgio Agamben (2004, p. 98):

Um dia, a humanidade brincarará com o direito, como as crianças brincam com os objetos fora de uso, não para devolvê-los a seu uso canônico e, sim, para libertá-los definitivamente dele. O que se encontra depois do direito não é um valor de uso mais próprio e original e que precederia o direito, mas um novo uso, que só nasce depois dele. Também o uso, que se contaminou com o direito, deve ser libertado de seu próprio valor. Essa libertação é a tarefa do estudo, ou do jogo. E esse jogo estudioso é a passagem que permite ter acesso àquela justiça que um fragmento póstumo de Benjamin define como um estado do mundo em que este aparece como um bem absolutamente não passível de ser apropriado ou submetido à ordem jurídica.

Vejamos, então, a provocativa mensagem de Benjamin, que dá fechamento ao texto aqui em questão, qual seja, se esse processo da Inquisição um dia teve fim, não foi por reconhecer toda a sua monstruosidade, mas sim por necessidade prática, dado que muitos principados estavam ficando literalmente despovoados. Além disso, ele nos mostra a importância de se colocar a “humanidade acima da erudição e da sagacidade”. Por fim, parece-nos claro, conforme exposto até aqui, que as indagações feitas por Benjamin acerca das causas

da Inquisição e seus rastros históricos, encontram, se não respostas, problematizações relevantes à temática, na medida em que fazem a amarração teórica entre o âmbito político, jurídico e econômico à época e suas nefastas consequências, especialmente, para as mulheres.

Referências

AGAMBEN, George. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004. 142 p.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In*: BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-20.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin**. Tradução: Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2020. 292p.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOYA, Conjuero, c. 1974-5. **El conjuero**. Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/el-conjuero>. Acesso em: 28 out. 2023.

João e Maria ilustração de Anne Anderson. **E se Hansel e Gretel tivessem telemóvel?** Disponível em: <https://biblogtecaqui.blogspot.com/2009/07/e-se-hansel-e-gretel-tivessem-telemovel.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. Tradução: Paulo Fróes; edição de Rose Marie Maruro. 32ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2023.

MADUREIRA, Stéphanie Barros. Relacionando magia e gênero na Grécia Antiga: Circe e Medeia como representações sociais de feiticeiras na Atenas clássica (século V a.C). **Hélade**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p. 281-300, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/38278/24018>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MIRANDA, Lucas; IMBROISI Waldir. As bruxas do passado e do presente. **Ciência Hoje**, Seção Ciência e Cultura Pop, abr. 2020. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/as-bruxas-do-passado-e-do-presente/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Morte de Joana d'Arc na estaca, por Hermann Anton Stilke (1843). **Ebiografia**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/joana_darc_curiosidades_biografia/. Acesso em: 30 out. 2023.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Corpos Monstruosos na Inquisição: metáforas das bruxas em obras do diabinho da mão furada, de Antônio José da Silva. *In*: GAMA-KHALIL, Marisa Martins *et al.* (org.). **O corpo em cena**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 199-216.

RUSSEL, Jeffrey B.; BROOKS, Alexander. **História da bruxaria**. Tradução de Álvaro Cabral, Willian Lagos. 4. ed. São Paulo: Goya, 2022.

SOUSA, Rui Bragado. Walter Benjamin e a pedagogia antifascista. **Revista Angelus Novus**, n. 10, p. 329-338, 2016. DOI: 10.11606/ran.v0i10.97176.

TSURUDA, Maria Amália Longo. Medéia: uma discussão sobre a mulher em Eurípides.

Notandum, n. 19, p. 17-28, 2009. Disponível em:

https://www.academia.edu/31552927/Med%C3%A9ia_uma_discuss%C3%A3o_sobre_a_mulher_em_Eur%C3%ADpides. Acesso em: 18 jul. 2023.

Recebido em: 05.11.2023

Aprovado em: 15.02.2024